

# Cerâmicas Naṣrī/s dos silos da Av. Miguel Fernandes (Beja)

Andrea Martins\*  
Gonçalo Lopes\*\*

---

## Resumo

Só recentemente foram identificadas em Portugal cerâmicas provenientes do Reino de Granada. O presente estudo dá a conhecer um pequeno conjunto de cerâmicas nasris provenientes de diversos silos identificados no decorrer da intervenção arqueológica realizada na Avenida Miguel Fernandes, em Beja

## Abstract

Recently, there was identified in Portugal a few fragments of pottery from the kingdom of Granada. This paper reveals de study of this kind of pottery, discovered in silos that were excavated by an archaeological team in Miguel Fernandes Avenue, Beja.

## 1 – Cerâmica granadina, uma breve introdução

Falar da presença de cerâmica granadina no espaço português coloca, à partida, duas questões essenciais, as quais, no estado actual do nosso conhecimento sobre o tema, dificilmente terão uma resposta conclusiva.

A primeira, refere-se aos circuitos comerciais que trazem cerâmicas de um potentado islâmico, ainda que peninsular, ao reino de Portugal, cerâmicas essas que têm forte concorrência nos produtos importados do Levante, nomeadamente de Valência. A segunda questão prende-se, essencialmente, com a diferenciação das cerâmicas provenientes destes dois centros produtores e a sua relativa preponderância comercial.

Pouco se conhece acerca das relações entre Portugal e o reino de Granada, o que é perfeitamente compatível com o absentismo das fontes documentais. Sabemos, no entanto,

---

\* Crivarque, Lda; Arqueóloga – andrea.m@clix.pt

\*\* Crivarque, Lda; Arqueólogo - gasglopes@gmail.com

que há contactos, ainda que ténues, entre mudéjares portugueses e o reino de Granada, e vice-versa (Barros, 1998, 122-130). Por outro lado, temos dois testemunhos epigráficos referentes a pessoas oriundas do reino de Granada, ou com ele relacionadas. O caso mais flagrante diz respeito ao mestre-de-obras do castelo do Alandroal, que deixa inscrito na lápide fundacional o lema *naşrî* (*wa lâ ġaliba illa-l-Llāh* – “e não há vencedor senão Deus”) e a sua origem enquanto mouro (“eu mouro Calvo”) (Barroca, 2002, 545). A outra epígrafe está registada numa estela funerária proveniente do almocávar de Moura e ostenta, igualmente, o lema dos reis de Granada.

É, portanto, possível afirmar, de forma objectiva, a existência de laços entre ambas comunidades, não significando, porém, que houvesse um trato comercial directo.

Do ponto de vista material, é admissível que os navios portugueses não fossem totalmente desconhecidos aos portos granadinos, como se pode ver pela tigela de reflexos metálicos, do *Victoria and Albert Museum*, de Londres, em que aparece representada uma embarcação com pavilhão português; tema repetido noutra tigela, descoberta na *alcazaba* de Málaga (Martínez Caviro, 1995, 156).

Esta escassez de informação se, por um lado, é válida para Portugal, já não o é para outras comunidades do Mediterrâneo cristão. Os genoveses e os catalães (Guichard, 1995, 36), por exemplo, estão firmemente estabelecidos em várias cidades *naşrî/s*, onde entre outras mercadorias, compram e exportam seda para todos os portos da Europa. Serão igualmente eles a transportar as cerâmicas granadinas para lugares como Portsmouth e Sandwich, onde se sabe terem chegado louças de reflexos metálicos, oriundas de Málaga, entre 1289 e 1307 (Martínez Caviro, 1995, 150).

Parte da resolução deste problema, encontrar-se-á na resposta à segunda questão. Assim, quando for possível isolar convenientemente as produções de Granada das levantinas será, então, cómodo tentar compreender o real volume de ambas e qual seu o verdadeiro percurso comercial.

Na esmagadora maioria dos casos a diferenciação destas cerâmicas fez-se, e faz-se do ponto de vista morfo-estilístico ou, de forma ainda mais simplista, apenas a partir da possibilidade da ocorrência de determinados materiais em alguns sítios. Por esta ordem de ideias, parte-se do princípio que as cerâmicas descobertas em Granada serão de produção *naşrî*. Com efeito, recorrendo a práticas arqueométricas, constatou-se que boa parte das cerâmicas de reflexos metálicos recolhidas em Granada, são procedentes de Málaga (Martínez Caviro, 1995, 151).

Em 1337, ibn Yahyā al-ʿUmarī, ao descrever o reino de Granada, diz que a louça de Málaga não tem semelhante (Martínez Caviro, 1995, 150). Porém, este geógrafo estava, em parte, errado porque a essa data já se começara a produzir cerâmica de reflexos metálicos na região de Valência, que vai ser a sua principal concorrente a partir da segunda metade do séc. XIV, eclipsando-a parcial ou completamente no séc. XV; excepção feita a algumas peças de luxo que, de facto, nunca terão equivalente.

Boa parte das cerâmicas valencianas reproduz motivos de tradição islâmica incluindo epigráficos e pseudo-epigráficos, muitos deles inspirados na cerâmica do malagueña. Tiveram sucesso a tal ponto que, no séc. XV, os granadinos começam a copiar a decoração e as formas dos objectos valencianos. A partir daqui estabelece-se a confusão.

Só de há alguns anos a esta parte se tem vindo a recolher, de forma arqueológica, conjuntos consistentes de materiais valencianos em Portugal e só ainda mais recentemente, se tem isolado uns quantos fragmentos com uma origem *naşrî* mais ou menos segura.

O método de análise baseia-se, exclusivamente, na identificação do que foge aos padrões levantinos e, em simultâneo, está mais próximo dos granadinos. Obviamente, este método exclui um número considerável de materiais cuja origem só poderá ser determinada, de forma fiável, com análises laboratoriais.

## 2 - Cerâmicas *naşrî/s* em Portugal

Para além dos materiais exumados em Beja, objecto do presente estudo, só em mais dois locais foram identificados materiais granadinos em contexto arqueológico: Alcochete e Tavira.

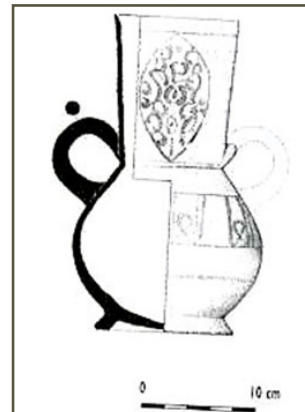


Fig. 1 – Jarrinha de Alcochete (Correia, 2004, 647)

As cerâmicas de Alcochete foram publicadas em primeiro lugar (Correia, 2004, 647), não sendo decorrentes, propriamente, de escavação arqueológica, mas de achado fortuito. Tratam-se de três peças de perfil fechado (dois jarros e uma jarrinha), cuja decoração se baseia em motivos vegetalistas e epigráficos a azul e reflexos metálicos.

Deste conjunto, a peça que mais hipótese terá de se tratar de uma produção

do reino de Granada, é a jarrinha. Apresenta um colo cilíndrico alongado, com o corpo globular e duas pequenas asas circulares. Esta forma é muito abundante em Granada, até na cerâmica comum, sendo, pelo contrário, quase ausente das produções valencianas (ver fig. 1).

As duas outras peças, dois jarros com uma só asa e bico vertedor, são uma forma recorrente nos fornos da região valenciana. No reino de Granada, aparecem com menos frequência e aparentam uma factura relativamente tardia, influenciada, seguramente, pelos modelos valencianos. No entanto, uma destas peças de Alcochete, que pouco difere da outra (na forma e na decoração), apresenta motivos muito semelhantes ao jarro de *los Bérchules* (Martínez Caviro, 1995, 156), presente nas colecções do *Instituto de Valencia*

de *Don Juan*, em Madrid, este, “seguramente”, *naşrî*. O segundo grupo, proveniente das escavações do claustro do convento da Graça de Tavira (Covaneiro, 2005), é constituído por uma jarrinha vidrada em tom melado, muito semelhante, na forma, à de Alcochete, e um prato de grandes dimensões, esmaltado a branco com pintura azul (ver fig. 2).



Fig. 1 – Prato de Tavira (fotografia cedida por Sandra Cavaco e Jaquelina Covaneiro)

Foi decorado com extensas faixas epigráficas no centro e na aba, que repetem a palavra *al-’afiya* (العافية - “bem estar”). Estas peças estão bem documentadas na cidade de Ceuta (Fernandez Sotelo, 1988, Vol. II, 78), para os finais do séc. XIV.

### 3 - As cerâmicas de Beja

No âmbito do programa de re-qualificação urbana – BejaPólis realizou-se uma intervenção arqueológica de emergência na área do Parque Subterrâneo da Avenida Miguel Fernandes. Foi identificado um conjunto de 137 silos (ver fig. 3), abertos no substrato geológico, que se encontravam (na sua maioria) colmatados com abundantes materiais arqueológicos de diversas tipologias. Os silos foram utilizados como contentores de armazenagem de bens alimentícios (cereais) num período de estabilidade política, estando localizados fora das muralhas da cidade e junto das portas de acesso a esta. Os materiais recolhidos mostram uma grande homogeneidade cronológica, estando enquadrados em finais da Época Medieval e início da Época Moderna (séculos XIV-XVI) (Martins, 2006).



Fig. 1 – Silos da Avenida Miguel Fernandes (fotografia de autor)

O espólio cerâmico constitui uma colecção muito abundante, estando representado a nível da cerâmica comum todo o reportório formal de peças de uso quotidiano dos sécs. XIV a XVI. Encontram-se também representados exemplares de

cerâmica de importação dos principais centros produtores europeus da época (Sevilha, Valência, Granada, Teruel, Itália e Norte da Europa). De referir o excelente estado de conservação do espólio cerâmico, existindo várias peças inteiras e permitindo a reconstituição tipológica de todas as formas.

As cerâmicas *naşrî/s* de Beja constituem um conjunto heterogéneo de quatro fragmentos, dois dos quais pertencentes, possivelmente, à mesma peça. Foram recolhidas em 4 silos distintos, cujos preenchimentos se enquadram na cronologia geral do sítio.

Apresentam esmalte branco e pintura a azul, reflexos metálicos e a combinação de ambos. As formas são abertas, em dois dos casos (tigelas), e fechada noutro (difícil de determinar a forma), as quais passaremos a descrever, de seguida<sup>1</sup>:

Número Inventário: 6721	Área 2	Silo 66	[278] n.a.2
Dimensões:		22 cm x 13,5 cm x 0,7 cm.	

**Descrição:** Tigela de grandes dimensões, com diâmetro reconstituível até 30 cm. Apresenta base anelar ligeiramente oblíqua, para o exterior, com diâmetro de 11,1 cm. As paredes são em curva divergente, com uma ligeira quebra interna, que não chega a formar carena. Pasta rosada com escassos e.n.p./s de granulometria inferior a 1 mm. Os e.n.p./s são constituídos por nódulos ferrosos, grãos de quartzo rolados, mica e calcário. A pasta apresenta ainda alguns vacúolos.

Esta peça foi revestida com esmalte branco estanífero, que se encontra muito alterado, quase pulverento. A pintura, igualmente alterada, azul-cobalto originalmente, converteu-se em bege-amarelada. (ver figs. 4 e 5)

**Decoração e paralelos:** A decoração é essencialmente epigráfica, repetindo a expressão “*al-’afiya*”, muito semelhante ao prato do convento da Graça de Tavira. Desenvolve-se numa cartela que preenche longitudinalmente o fundo da tigela, rematada por “pinhas” nas extremidades, uma das quais perdida na fragmentação da peça. Neste exemplar, o preenchimento interno das “pinhas” é mais grosseiro que nas do prato de Tavira: resume-se a uma nervura central, da qual partem linhas oblíquas, conferindo-lhe um aspecto espinhado.

Recipientes com grandes faixas epigráficas a azul estão presentes em níveis de finais do séc. XIV, em Ceuta (Fernandez Sotelo, 1988, Vol. II, 78). Esta cidade, na área de influência do reino de Granada, absorvia boa parte das suas produções cerâmicas.



Fig. 4 e 5 – Tigela (nº Inventário: 6721)

1 - Desenhos de materiais realizados por César Neves e fotografias por Pedro Souto

Número Inventário: <b>8637</b>	Área 3	Silo <b>93</b>	[451] n.a.1
<b>Dimensões:</b>	11,6 cm x 4,9 cm x 1 cm		
<b>Descrição:</b> Tigela, com diâmetro reconstituível até 19 cm, com paredes curvas divergentes e pé anelar ligeiramente oblíquo para o exterior, com 8 cm de diâmetro. A pasta é rosada, compacta com escassos e.n.p./s constituídos por nódulos ferrosos, calcário, mica e quartzo rolado, inferiores a 1 mm. Possui esmalte estanífero branco com pintura azul-cobalto e vestígios de reflexos metálicos. (ver figs. 6 e 7)			
<b>Decoração:</b> Neste fragmento conservou-se grande parte de uma “pinha”, preenchida com enrolamentos vegetalistas (“atauriques”) e pintada a azul. Regista-se ainda a margem de outra “pinha”, semelhante à anterior, mas com orientação perpendicular à primeira. O motivo seria composto por quatro destes elementos formando dois eixos cruzados. Os espaços deixados pela composição a azul foram colmatados por pintura de reflexos metálicos, cujo tema não é possível identificar. No reverso, conservam-se duas faixas pintadas com reflexos metálicos, uma delas, constituída por linhas em aspa molduradas por filetes.			

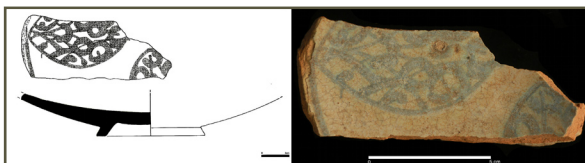


Fig. 6 e 7 - Tigela (nº de inventário 8637)

Número Inventário: <b>7708</b>	Área 3	Silo <b>80</b>	[387] n.a.1
<b>Dimensões:</b>	10,2 cm x 5,4 cm x 1 cm		
<b>Descrição:</b> Peça com perfil fechado, de tipologia indeterminada. Fragmento de parede curva divergente, com diâmetro não mensurável. Apresenta pasta rosada, com poucos e.n.p./s de quartzo rolado, calcário, nódulos ferrosos e mica, com granulometria inferior a 1 mm. Revestimento com esmalte branco estanífero e pintura de reflexos metálicos um pouco oxidada e concrecionada. (ver figs. 8 e 9)			
<b>Decoração e paralelos:</b> A decoração consiste essencialmente faixas em círculos concêntricos, com cerca de 4 cm de diâmetro médio, existindo, no centro, pequenas perfurações do esmalte criados, possivelmente, por um instrumento tipo compasso. Os espaços entre os círculos estão completamente preenchidos com pintura de reflexos metálicos beneficiando, assim, um efeito claro-escuro. Até ao momento, o único paralelo que pudemos identificar para este género de decoração, encontra-se no colo do famoso Jarrão das Gazelas, do Alhambra, datado de meados do séc. XV (Martínez Caviro, 1995, 405).(ver fig. 12)			



Fig. 8 e 9 – Fragmento indeterminado (nº inventário 7708)

Número Inventário: <b>5350</b>	Área 2	Silo <b>60</b>	[253] n.a.2
<b>Dimensões:</b>	6,6 cm x 5,6 x 1 cm		
<b>Descrição:</b> Fragmento em tudo semelhante ao anterior, mas com a pintura bastante mais oxidada, à qual aderiram concreções. Faz parte, provavelmente, da peça de onde provém o fragmento anterior. Embora não seja possível reconstituir de forma fiável o recipiente a que pertencia, não será arriscado afirmar que se tratava de uma jarra de grandes dimensões. (ver figs. 10 e 11)			
<b>Decoração:</b> Neste fragmento conservou-se grande parte de uma “pinha”, preenchida com enrolamentos vegetalistas (“atauriques”) e pintada a azul. Regista-se ainda a margem de outra “pinha”, semelhante à anterior, mas com orientação perpendicular à primeira. O motivo seria composto por quatro destes elementos formando dois eixos cruzados. Os espaços deixados pela composição a azul foram colmatados por pintura de reflexos metálicos, cujo tema não é possível identificar. No reverso, conservam-se duas faixas pintadas com reflexos metálicos, uma delas, constituída por linhas em aspa molduradas por filetes.			



Fig. 10-11 – Fragmento indeterminado (nº inventário 5350)



Fig. 12 - Jarrão das Gazelas, ostentando decoração idêntica à das peças representadas nas figs.8 - 11, de Beja (Martínez Caviro, 1995, 405)

#### 4 - Observações Finais

Não obstante tratar-se de um conjunto muito reduzido, as cerâmicas granadinas dos silos de Beja revestem-se de particular importância para a compreensão da dinâmica comercial, nomeadamente das importações baixo-medievais em território português.

Infelizmente, não possuímos dados relativamente a Lisboa, o principal consumidor de bens importados, na Idade Média, o que, em termos quantitativos e qualitativos, não nos permite estabelecer um padrão para estes achados, na ge-

neralidade muito fragmentários. Considerando, ainda, o silêncio das fontes documentais, a disponibilização de dados relativamente a Lisboa, possibilitaria o entendimento destes objectos enquanto fruto do comércio directo com o reino de Granada ou, pelo contrário, de “curiosidades” embarcadas por quaisquer outros mercadores do Mediterrâneo, de trato com os portos portugueses.

Independentemente da confirmação de relações comerciais entre Portugal e Granada podemos, desde já estabelecer o traçado do(s) seu(s) percurso(s) até Beja.

Na baixa Idade Média temos duas rotas principais (Fernandes, 1997, 61) que saem desta cidade até às zonas costeiras do Sul: uma, fazendo o caminho até Mértola, e daí pelo Guadiana, até às localidades portuárias do Algarve, nomeadamente Tavira; outra, em direcção ao estuário do Sado e daí até Lisboa. Estes são igualmente os caminhos utilizados para o escoamento dos cereais de Beja.

Curiosamente, os outros dois conjuntos de cerâmica *naşrî* identificados, coincidem exactamente com o destino final destas duas rotas: Tavira, um dos principais portos do Algarve, desde a Época Islâmica e Alcochete, importante porto fluvial da margem esquerda estuário do Tejo, na área limítrofe de Lisboa.

bra, Granada, Comares Ed., p. 403 - 405.

MARTINS, Andrea; NEVES, César; ALDEIAS, Vera; LOPES, Gonçalo; COSTA, Cláudia (2006) – Reservatórios de História – Os silos da Avenida Miguel Fernandes – Beja, *Actas das Jornadas de Arqueologia Medieval Moderna de Castelo Novo* (no prelo)

## Bibliografia

BARROCA, Mário Jorge (2002) – “Os castelos das Ordens Militares em Portugal (séculos XII a XIV)”, in *Simpósio Internacional sobre Castelos: 1000 anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Palmela, pp. 535-548

BARROS, Maria Filomena Lopes de (1998) - *A comuna muçulmana de Lisboa: Sécs. XIV e XV*. Lisboa: Hugin, p. 123 - 130 .

CORREIA, Miguel (2004) – Três exemplares de cerâmica azul e dourada provenientes de Alcochete, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 7, N°1, p. 645 – 662.

COVANEIRO, J.; CAVACO, S.; LOPES, G. (2005) «Relações Comerciais de Tavira durante a Idade Média: as Cerâmicas do Convento da Graça (Tavira)». in *Espírito e Poder. A cidade nos tempos da modernidade*. Catálogo da Exposição. Câmara Municipal de Tavira. Rede Portuguesa de Museus. p. 136-145.

FERNANDES, Hermenegildo (1997) – *Organização do espaço e sistema social no Alentejo medieval. O caso de Beja*, Edições Colibri, Lisboa

FERNANDEZ SOTELO, Emilio (1988) – *Ceuta medieval: Aportación al estudio de las cerâmicas (S. X-XV)*, Ceuta, Vol. II, Sdad. Coop. Imprenta Olímpica, p. 77 – 93.

GUICHARD, Pierre (1995) – “Las bases materiales del reino de Granada” in *Arte islâmico en Granada: Propuesta para un museo de la Alhambra*, Granada, Comares Ed., p. 33 - 39.

MARTÍNEZ CAVIRÓ, Balbina (1995) – “El arte nazarí y el problema de la loza dorada” in *Arte islâmico en Granada: Propuesta para un museo de la Alhambra*, Granada, Comares Ed., p. 145 - 162.

MARTÍNEZ CAVIRÓ, Balbina (1995) – “Jarrón de las Gacelas” in *Arte islâmico en Granada: Propuesta para un museo de la Alham-*